

# A grande conspiração

A  
GUERRA SILENCIOSA  
CONTRA  
A RUSSIA  
SOVIÉTICA

MICHAEL SAYERS  
ALBERT E. KAHN

Esta obra revela a Rússia, que nos seduziu e  
nos vendeu há 25 anos de existência, e nos  
apresenta o plano de ataque que nos  
prepara para o futuro. A Rússia e o  
Mundo Soviético e os ataques internacionais que  
eles representam ao Ocidente de um modo  
geral. \* \* \* \* \*

Editora Brasiliense Ltda. - São Paulo

<b>IX</b>	<b>— A ESTRANHA CARREIRA DE UM TERRORISTA . . . .</b>	<b>133</b>
	1. O retôrno de Sidney Reilly — 2. Um negócio como qualquer outro — 3. Domingo em Chequers — 4. O tribunal de Moscou, 1924.	

## CAPÍTULO IX

# A ESTRANHA CARREIRA DE UM TERRORISTA

### 1. O retôrno de Sidney Reilly

Berlim, dezembro de 1922. Um oficial naval alemão e um funcionário do serviço britânico palestravam na burburinhante sala-de-estar do famoso Hotel Adlon com uma jovem, bonita e elegante mulher. Era uma estrêla da comédia musical de Londres, Pepita Bobbadilla, conhecida por Mrs. Chambers, viúva do famoso dramaturgo britânico, Haddon Chambers. Veio à tona o assunto da espionagem. O inglês começou a falar das extraordinárias façanhas de um agente do serviço secreto britânico na Rússia Soviética ao qual êle se referiu como a um Mr. C. O alemão conhecia a reputação de Mr. C. E regalaram-se mutuamente com a narrativa das suas fabulosas aventuras. Finalmente incapaz de conter sua curiosidade, Mrs. Chambers perguntou: “Quem é êsse Mr. C.?”

— Eu lhe conto, Mrs. Chambers, êsse Mr. C. é um homem misterioso. O mais misterioso da Europa. E de passagem poderia dizer que sua cabeça vale mais do que a de qualquer outro homem vivo... Os bolcheviques dariam uma província para tê-lo vivo ou morto... Vive constantemente em perigo. Representava nossos olhos e nossos ouvidos na Rússia e, entre nós, êle sozinho é o responsável por não ter sido o bolchevismo um perigo maior para a civilização ocidental do que até agora foi.

Mrs. Chambers estava impaciente para ouvir mais coisas sôbre o misterioso Mr. C. Seu companheiro sorria. — Eu o

vi esta tarde — disse o inglês. — Está hospedado aqui no Hotel Adlon...

Nessa mesma tarde Mrs. Chambers teve o seu primeiro deslumbramento ao ver Mr. C. Ele era, escreveu depois, “uma figura bem posta e bem trajada”, com “a face magra um tanto sombria” e “uma expressão que poderia quase parecer sardônica, a expressão de um homem que rira na cara da morte, não uma vez, mas muitas.” Mrs. Chambers apaixonou-se por êle à primeira vista.

Foram apresentados. Mr. C. falou a Mrs. Chambers, nessa noite, “do estado da Europa, da Rússia, da Tcheka, sobretudo da “ameaça do bolchevismo.” Fêz-lhe a confidência do seu nome real: Capitão Sidney George Reilly...

Após o fiasco de sua conspirata em 1918 contra os soviéticos, Sidney Reilly fôra enviado a Rússia novamente pelo secretário britânico de Guerra, Winston Churchill, para ajudar a organizar o serviço de espionagem do General Denikin. Reilly também atuou como ligação entre Denikin e seus vários aliados anti-soviéticos europeus. Durante 1919 e 1920, o espião britânico trabalhara diligentemente em Paris, Varsóvia e Praga, organizando exércitos anti-soviéticos e agências de espionagem e sabotagem. Posteriormente serviu como agente semi-oficial para alguns milionários czaristas “emigrados”, inclusive seu velho amigo e amo, o Conde Tchubersky. Um dos mais ambiciosos projetos que Reilly ajudara a efetivar durante êsse período foi o Torgprom, cartel dos industriais czaristas “emigrados” e de seus parceiros anglo-franceses e alemães.

Como resultado de suas operações financeiras, Reilly reunira considerável fortuna pessoal e exercia a direção de numerosas firmas outrora associadas com os grandes negócios russos. Êle desenvolvera importantes contactos internacionais, e contava entre os seus amigos pessoais Winston Churchill, o General Max Hoffmann e o chefe do estado-maior finlandês, Wallenius.

O ódio fanático do espião britânico contra a Rússia Soviética, não diminuíra. A destruição do bolchevismo era então o motivo determinante de sua vida. Seu interesse apaixonado por Napoleão, pela possível conquista da Rússia, levava-o a tornar-se um dos mais entusiásticos colecionadores de literatura sôbre o curso. O valor de sua coleção mon-

tava a dezenas de milhares de dólares. A personalidade do *petit-caporal* fascinava-o.

“Um tenente de artilharia calcou aos pés as cinzas da Revolução Francesa,” dizia Sidney Reilly. “E não poderia um agente britânico de espionagem, com tantos fatôres a seu favor, assenhorear-se de Moscou?”

Aos 8 de maio de 1923 Mrs. Chambers desposava o Capitão Sidney Reilly no cartório de Registro da Rua Henrietta, Convent Garden, em Londres. O Capitão George Hill, antigo cúmplice de Reilly nos dias de Moscou, serviu de testemunha.

Mrs. Chambers começou logo a participar das intrigas fantásticas da vida de seu marido. Mais tarde escreveu:

“Gradualmente eu me fui iniciando nesses estranhos processos por detrás dos bastidores da política européia. Aprendi como debaixo da superfície de toda capital européia fervilhava a conspiração dos exilados contra os tiranos atuais do seu país. Em Berlim, em Praga, em Paris, em Londres mesmo, pequenos grupos de exilados reuniam-se, planejavam, conspiravam. Em Helsingfors (Helsinque) estava fervendo a contra-revolução, financiada e urdida por vários governos da Europa. Nesse movimento Sidney estava intensamente interessado, dedicando muito tempo e dinheiro à causa.”

Um dia uma visita misteriosa se apresentou ao apartamento de Sidney Reilly em Londres. A princípio apresentou-se como “Mr. Warner.” Tinha uma grande barba preta que lhe encobria quase todo o rosto, maxilar proeminente, olhos frios de um azul de aço. Era um homem enorme, e seus longos braços soltos caíam quase até aos joelhos. Entregou suas credenciais. Estas incluíam um passaporte britânico, um documento escrito e assinado em Paris pelo líder social-revolucionário, Boris Savinkov, e uma carta de apresentação de um destacado estadista britânico.

— Ficarei em Londres cerca de uma semana — disse a Reilly o visitante — conferenciando com o Ministro do Exterior.

“Mr. Warner” revelou então a sua identidade. Seu nome real era Drebkov e fôra êle o líder de um dos grupos dos “Cinco” no movimento conspiratório anti-soviético de Reilly na Rússia em 1918. Atualmente êle era o cabeça de uma organização subterrânea russo-branca em Moscou.

— Era uma bela organização que tinhas na Rússia, Capitão Reilly — disse Drebkov. — Nós a reestruturamos! Estamos novamente na luta! Todos os antigos agentes lá estão. Lembra-te de Balkov? Está conosco. Mais dia, menos dia, nós derribaremos os peles-vermelhas e o bom tempo há de voltar. Mas sabes como somos nós os russos. Nós planejamos, planejamos, construímos uma bela conspiração após outra, discutimos entre nós mesmos acêrca de pormenores insignificantes, e uma linda oportunidade escorrega após outra, e nada feito! Bolas! Drebkov chegou ao assunto de sua visita. — Nós precisamos de um *homem* na Rússia, Capitão Reilly — disse êle, um homem capaz de ordenar e realizar, cujas ordens não se discutam, um homem que seja chefe, um ditador, se quizeres, como Mussolini o é na Itália, um homem que recomponha as rixas que desunem nossos amigos e o faça com mão de ferro, soldando-nos sob a arma que fira no coração os atuais tiranos da Rússia!

— Que me conta de Savinkov? — perguntou Reilly. — Ele está em Paris, é um legítimo homem na tua acepção, um homem realmente grande, um organizador e líder nato!

Mrs. Reilly, recordando a entrevista em suas memórias escreveu:

“Eu pude ler no tom de voz de Reilly quão grande era o sacrifício que êle fazia em confiar êsse assunto a Savinkov, o líder russo que êle admirava tão profundamente.”

## 2. Um negócio como qualquer outro

Boris Savinkov, que em 1924 era sèriamente considerado nos círculos políticos mais íntimos do Down Street e Quai d’Orsai como o futuro ditador da Rússia, era sob muitos aspectos um dos homens mais notáveis que haviam emer-

gido do caos que se seguiu ao colapso da velha Rússia. Um homem franzino, pálido, calvo, de fala mansa, habitualmente trajado de modo impecável, de sobrecasaca e botas do melhor couro, Savinkov parecia mais o "gerente de um banco", como Somerset Maugham disse uma vez, do que o famoso terrorista e impiedoso contra-revolucionário que na realidade era. Seus talentos eram múltiplos e variados. Winston Churchill, a quem Savinkov foi apresentado pela primeira vez por Sidney Reilly, descreveu mais tarde o terrorista russo em seu livro *Grandes Contemporâneos* como o homem que ostenta "a sabedoria de um estadista, as qualidades de um comandante, a coragem de um herói e a obstinação de um mártir." "A vida de Savinkov", acrescentava Churchill, "fôra despendida em conspirar."

Quando jovem, na Rússia czarista, Savinkov fôra membro influente do Partido Social-Revolucionário. Juntamente com quatro outros líderes encabeçava a organização de luta do Partido, um Comitê terrorista especialmente encarregado do assassinio de oficiais czaristas. O Grão-duque Sergei, tio do czar, e o ministro do Interior, V. K. Plehve, figuraram entre os oficiais czaristas mortos pela Organização de Luta no comêço de 1900 (31.)

Após o fracasso da primeira tentativa para dorribar o czarismo em 1905, Boris Savinkov ficou um tanto desiludido com a vida de revolucionário. Começou a se entregar à literatura. Escreveu uma sensacional novela autobiográfica, *The Pale Horse*, na qual descreveu o seu papel nos assassinios de Plehve e do Grão-duque Sergei. Relatou como,

---

(31) O verdadeiro líder da Organização de Luta era Ievno Aseff um dos mais extraordinários *agentes provocadores* da história. Espião a serviço da polícia secreta czarista, Aseff — traindo alternadamente revolucionários e terroristas — ocupava-se então dos planos do assassinio do Grão-duque Sergei Plehve, e outros oficiais czaristas. Seu único interesse era o dinheiro; e êle auxiliava nessas matanças porque sabia que essas tarefas o habilitariam a solicitar grandes somas do Partido Social-Revolucionário. Naturalmente êle mantinha a polícia secreta czarista na ignorância da parte que tomava em tais mortes.

Outro líder social-revolucionário que trabalhava unido a Savinkov o Aseff era Vitor Chernov. Como Savinkov, Chernov tornou-se mais tarde muito ativo no trabalho anti-soviético. Chegou aos E.U.A. em 1940 e, na época em que escrevemos ainda se conserva neste país, em forma de especialista de propaganda anti-soviética.

disfarçado num agente britânico, com um passaporte forjado e “três quilos de dinamite sob a mesa,” se instalou numa pequena casa de uma travessa russa, esperando dia após dia que a carruagem do grão-duque descesse pela rua.

Anos depois, durante a I Guerra Mundial, quando o novelista britânico, Somerset Maugham, foi enviado à Rússia pelo serviço secreto britânico para estabelecer contacto com Savinkov (32), êle perguntou ao terrorista russo se não precisara de muita coragem para efetuar essas mortes. Savinkov replicou: “Nem tanta, creia-me. É um negócio como qualquer outro. A gente se acostuma com isso.”

Em junho de 1917, Boris Savinkov, assassino profissional e novelista, foi apontado por Kerensky, por sugestão de seus conselheiros aliados, para o cargo de comissário político do 7.º Exército na fronteira da Galícia. As tropas desse grupo do exército vinham-se amotinando contra o govêrno provisório e acreditava-se que seriam necessários métodos violentos como os de Savinkov para solucionar a situação. Savinkov dominou o motim. Certa ocasião, informou-se que êle matara com suas próprias mãos os delegados de um conselho de soldados bolcheviques...

A instâncias de Savinkov, Kerensky fêz o General Kornilov comandante-chefe dos Exércitos Russos. O próprio Savinkov foi indicado como ministro-assistente da Guerra. Êle já estava atuando como agente secreto do govêrno francês e conspirava para derrubar o regime de Kerensky e estabelecer uma ditadura militar sob o poder de Kornilov.

Depois da Revolução Bolchevique, Savinkov chefiou um levante anti-soviético em Iaroslav financiado secretamente pelos franceses e apazado para coincidir com o golpe de estado de Sidney Reilly em Moscou. As forças de Savinkov foram derrotadas pelo Exército Vermelho e êle mal escapou vivo. Fugindo do país, tornou-se um dos representantes diplomáticos dos russos brancos na Europa. Como escreveu Winston Churchill em *Grandes Contemporâneos*: “Responsável

---

(32) No prefácio do seu livro *O Agente Britânico*, Somerset Maugham descreve sua principal tarefa na Rússia como segue: “Em 1917 eu cheguei à Rússia. Fui enviado para impedir a Revolução Bolchevique e manter a Rússia na guerra.” Maugham acrescenta: “O leitor verá que meus esforços não surtiram efeito.”

por tôdas as relações com os aliados e com os não menos importantes Estados Bálticos e fronteiriços que formavam nessa época o *Cordão Sanitário* do oeste, o ex-niilista desenvolvia tôda a sua capacidade, quer dando ordens, quer intrigando.”

Em 1920 Savinkov dirigiu-se para a Polônia. Com o auxílio de seu bom amigo Marechal Pilsudski, reuniu uns 30 mil oficiais e homens, armou-os e começou a treiná-los, preparando-os para outro assalto contra a Rússia Soviética.

Subseqüentemente, Savinkov levou o seu Q. G. para Praga. Ali, trabalhando ativamente com o fascista tcheco General Gayda, Savinkov criou uma organização conhecida como Guardas Verdes, composta em grande parte de ex-oficiais czaristas e terroristas contra-revolucionários. Os Guardas Verdes lançaram uma série de investidas através das fronteiras soviéticas, roubando, pilhando, queimando granjas, massacrando trabalhadores e camponeses e assassinando os funcionários soviéticos locais. Nessa atividade Savinkov teve a estreita cooperação de várias agências do serviço secreto europeu.

Um dos auxiliares de Savinkov, um terrorista social-revolucionário chamado Fomitchov, estabeleceu uma filial do aparelho conspiratório e terrorista de Savinkov em Vilna, a antiga capital da Lituânia, que fôra tomada pelos poloneses em 1920. O grupo de Fomitchov, com o auxílio do serviço secreto polonês, começou formando células secretas no território soviético para desenvolver o trabalho de espionagem e ajudar os grupos terroristas enviados da Polônia, e equipados com armas, dinheiro e documentos falsos das autoridades polonesas.

Mais tarde, numa carta ao *Izvestia* aos 7 de setembro de 1924, Fomitchov deu a seguinte descrição das operações efetuadas por seu grupo:

“Quando êsses espíões e destacamentos voltavam, depois dos crimes que tinham sido incumbidos de perpetrar, era eu o intermediário entre êles e as autoridades polonesas, era eu que entregava a estas os documentos roubados e o material de espionagem. Assim é que os destacamentos de Sergei Pavlovsky, Trubnikov, Monitch, Daniel, Ivanov e outros destacamentos menores como ainda espíões e terroristas indi-

viduais, foram enviados à Rússia Soviética. Entre outras coisas, lembro-me de que o Coronel Svejevsky foi enviado à Rússia em 1922 com a incumbência de matar Lênin...

Os métodos impiedosos de Savinkov, sua personalidade magnética e raro talento de organização asseguraram um apoio tremendo aos "emigrados" russo-brancos e estadistas europeus que ainda sonhavam com a derrocada do governo soviético. Às vezes, entretanto, essas pessoas sentiam um ligeiro embaraço ao se recordarem de Savinkov. Em Paris, em 1925, quando Churchill negociava com o ex-primeiro-ministro czarista Sazonov, veio à tona a questão de Savinkov. Churchill descreveu mais tarde o incidente em *Grandes Contemporâneos*:

"Como vos entendeis com Savinkov?" perguntou Churchill. O ex-primeiro-ministro czarista fez com as mãos um gesto de súplica. "Ele é um assassino! Chego mesmo a espantar-me de trabalhar com ele! Mas que fazer? Ele é um homem competente, cheio de recursos e resolução. Ninguém tão bom!"

### 3. Domingo em Chequers

Em 1922 a fome grassava nas regiões desoladas da Rússia, e parecia inevitável o colapso iminente do governo soviético. Estadistas europeus, russos brancos emigrados e oposicionistas políticos exilados esboçavam diligentemente pactos secretos e organizavam gabinetes russos prontos para assumir o encargo no momento oportuno. Intensas discussões se realizavam acerca do possível ditador russo. O Capitão Sidney Reilly trouxe Savinkov a Winston Churchill.

Churchill andava intrigado desde há tempos com a personalidade desse "assassino literário", como o chamava. Concordando com Reilly em que Savinkov era um homem "para se incumbir do comando de grandes façanhas", decidiu-se a apresentá-lo ao primeiro-ministro britânico, Lloyd George. Conseguiu-se uma conferência confidencial que se efetuariá em Chequers, na casa de campo do primeiro-ministro.

Churchill e Savinkov dirigiram-se juntos para Chequers. “Era um domingo” relata Churchill em *Grandes Contemporâneos*, “o primeiro-ministro estava atendendo vários chefes religiosos da Igreja Livre e cercado de um grupo de cantores de Gales que tinham viajado de seu principado para prestar-lhe homenagens corais. Durante várias horas cantaram hinos de Gales do modo mais encantador. Em seguida tivemos o nosso encontro.”

Mas Lloyd George não estava inclinado a ficar mal visto com ter Boris Savinkov sob a proteção do governo britânico. Na sua opinião “as coisas iam mal” na Rússia. A experiência bolchevique — controle socialista das indústrias do país — falhara por certo. Os líderes bolcheviques “em face das responsabilidades do atual governo”, ou desistiriam de suas teorias comunistas ou, “como Robespierre e S. Just (sic), desentender-se-iam uns com os outros e cairiam do poder.”

Quanto à “ameaça mundial de bolchevismo”, com a qual Churchill e o serviço secreto britânico pareciam andar preocupados, tal coisa simplesmente não existia, declarou Lloyd George . . .

“Senhor primeiro-ministro”, observou Boris Savinkov com sua maneira grave e formal, quando Lloyd George acabou: “V. Exa. me permitirá a honra de observar que depois da queda do Império Romano começou a Idade Média!”

#### 4. O tribunal de Moscou, 1924

A morte de Lênin aos 21 de janeiro de 1924, suscitou fervorosas esperanças na mente de Reilly. Seus agentes na Rússia relataram que os elementos de oposição dentro do país estavam intensificando grandemente os seus esforços para atingir o poder. Dentro do próprio Partido Bolchevique agudas divergências vinham se manifestando e parecia haver possibilidades de aproveitar uma brecha real. Do ponto de vista de Reilly, era um momento altamente estratégico para a luta.

Reilly convencera-se de que os seus velhos planos de restauração do czarismo estavam superados. A Rússia abandonara o czarismo. Reilly acreditava que se deveria resta-

belecer uma ditadura baseada nos camponeses ricos (kulaks) e várias forças militares e políticas hostis ao govêrno soviético. Ele estava convicto de que Boris Savinkov era o homem ideal para introduzir na Rússia a espécie de regime que Mussolini encabeçava na Itália. O espião britânico viajava de uma capital européia para outra, procurando persuadir os serviços secretos e os estados-maiores a apoiarem a causa de Savinkov.

Um dos personagens mais importantes para ser aproveitado na campanha anti-soviética nesse tempo era Henri Wilhelm August Deterding, holandês do nascimento e cavaleiro do Império Britânico, chefe do grande truste internacional britânico, Royal Dutch Shell. Deterding estava destinado a tornar-se o mais famoso sustentáculo financeiro do mundo e o intérprete da causa anti-soviética nos grandes negócios...

Através dos esforços de Reilly, o rei britânico do petróleo interessou-se pela Torgprom, a organização dos milionários czaristas emigrados. De Lianovoz e Montachev em Paris e outro membro da Torgprom na Europa, Deterding adquiriu os direitos sobre alguns dos mais importantes campos petrolíferos na Rússia Soviética. Em comêço de 1924, sem ter podido conseguir o contrôle do petróleo soviético por pressão diplomática, o rei britânico do petróleo, declarou-se pessoalmente o "proprietário" do petróleo russo e denunciou o regime soviético como ilegal e fora do âmbito da civilização. Com os imensos recursos de sua riqueza, influência e inúmeros agentes secretos, Henri Deterding declarou guerra à Rússia Soviética com intenção clara de se apoderar dos ricos poços de petróleo do Cáucaso.

A intervenção de Deterding deu novo impulso à campanha de Sidney Reilly. O espião britânico traçou prontamente um plano concreto de ataque à Rússia Soviética e o entregou aos membros interessados dos estados-maiores europeus. O plano, uma variante do Plano Hoffmann, incluía a ação tanto militar quanto política.

Politicamente, o Plano Reilly encarava uma contra-revolução na Rússia, desencadeada por elementos secretos de oposição, em conjunto, com os terroristas de Savinkov. Logo que a contra-revolução estivesse em andamento, iniciar-se-ia a fase militar. Londres e Paris denunciariam formalmente o govêrno soviético e reconheceriam Boris Savinkov como ditador

da Rússia. Os exércitos brancos estacionados na Iugoslávia e Rumânia cruzariam a fronteira soviética. A Polónia marcharia sobre Kiev. A Finlândia bloquearia Leningrado. Simultaneamente haveria uma revolta armada no Cáucaso liderada pelos companheiros do menchevique georgiano, Noi Jordania (33.)

O Cáucaso seria separado do resto da Rússia, estabelecendo-se uma Federação Transcaucásica "independente", sob auspícios anglo-franceses, e os poços petrolíferos e oleodutos voltariam aos seus ex-donos estrangeiros.

O Plano Reilly conseguiu a aprovação e endosso dos líderes antibolcheviques, dos estados-maiores francêss, polonês e rumeno. O ministro do Exterior britânico estava definitivamente interessado no projeto de separar o Cáucaso da Rússia. O ditador fascista italiano, Benito Mussolini, convocou Boris Savinkov a Roma para uma conferência especial. Mussolini queria encontrar-se com o "ditador russo." Ele prontificou-se a prover os agentes de Savinkov com passaportes italianos para facilitar sua viagem à Rússia enquanto se preparava o ataque. Além do que o Duce prontificou-se a dar instruções a suas delegações fascistas e à polícia secreta, a OVRA, a fim de prestarem a Savinkov toda assistência possível...

Conforme as palavras de Reilly, "uma grande conspiração contra-revolucionária estava em vias de acabamento."

Em agosto de 1924, depois de uma longa discussão final com Reilly, Boris Savinkov, munido de um passaporte italiano, partiu para a Rússia. Foi acompanhado de alguns auxiliares de confiança e tenentes dos seus Guardas Verdes. Uma vez atravessada a fronteira soviética, ele tinha de fazer uns preparativos de última hora para o levante geral. Toda precaução tinha de ser tomada para que a identidade de Savinkov não fôsse descoberta, caso contrário a sua vida estaria em perigo. No momento em que ele alcançasse os territórios soviéticos, teria de encontrar-se com representantes

---

(33) Em 1918 Noi Jordania chefiara um governo títere alemão no Cáucaso. Em 1919 os ingleses expulsaram os alemães e Jordania tornou-se o cabeça de uma federação transcaucásica em Paris. O governo francês pusera à sua disposição um subsídio de 4 milhões de francos.

do movimento subterrâneo branco que obtivera adesões entre os oficiais soviéticos nas cidades da fronteira. Savinkov devia mandar uma mensagem a Reilly, por correio secreto, logo que chegasse.

Dias passaram-se e nem uma palavra de Savinkov. Em Paris, Reilly esperava com crescente impaciência e ansiedade, impossibilitado de fazer o menor movimento enquanto o correio não chegasse. Passou-se uma semana. Duas semanas.

No dia 28 de agosto estourou o levante planejado no Cáucaso. Ao amanhecer, um destacamento armado dos homens de Noi Jordania atacou a cidade ainda adormecida de Tschiatyry, na Geórgia, assassinou os oficiais do Soviete local e se apoderou da cidade. Terrorismo, morte e bombardeio percorreram todo o Cáucaso. Houve tentativas para tomar os campos petrolíferos...

No dia seguinte, Reilly descobriu o que acontecera a Boris Savinkov. A 29 de agosto de 1924 o jornal soviético, *Izvestia*, anunciou que "o ex-terrorista e contra-revolucionário Boris Savinkov" fôra prêso pelas autoridades soviéticas "depois de uma tentativa de entrada secreta pela fronteira soviética".

Savinkov e seus auxiliares cruzaram a fronteira vindos da Polônia. No solo soviético encontraram-se com um grupo de homens que tomaram por cúmplices, sendo conduzidos a uma casa em Minsk. Logo depois de sua chegada um oficial soviético apareceu para comunicar que a casa estava cercada. Savinkov e seus companheiros tinham caído numa armadilha.

O levante no Cáucaso teve destino igualmente desastroso. Os montanheses, que os contra-revolucionários contavam como aliados, ergueram-se em defesa do regime soviético. Juntamente com os operários das minas, êles defenderam as ferrovias, oleodutos e campos petrolíferos até chegarem as tropas soviéticas regulares. Houve combates esporádicos durante algumas poucas semanas. Mas estava patente desde o início que as autoridades soviéticas detinham a situação nas mãos. O *New York Times* relatou em 13 de setembro de 1924 que o levante caucásico "vinha sendo financiado e dirigido de Paris" por "magnatas poderosos" e "ex-proprietários dos poços petrolíferos de Bacu." Poucos dias depois os re-

manescentes do exército contra-revolucionário de Jordania foram cercados e capturados pelas tropas soviéticas.

A prisão de Savinkov e o colapso do levante caucásico constituíram um desapontamento amargo para Sidney Reilly e seus amigos. Mas o julgamento público de Savinkov, realizado logo após em Moscou, foi o maior golpe de todos. Para horror e estupefação de muitos personagens implicados em sua conspirata, Boris Savinkov pôs-se a relatar os pormenores de toda a conspiração. Informou calmamente ao tribunal soviético que ele previa tudo ao encaminhar-se para a armadilha quando cruzou a fronteira soviética. — Fizestes um bom serviço ao me apanhardes em vossa rede, disse Savinkov ao oficial soviético que o prendera. — Com efeito, eu suspeitava da armadilha. Mas decidi-me a vir à Rússia, fôsse como fôsse. Dir-vos-ei porque... Decidira-me a abandonar a minha luta contra vós...

Savinkov disse que os seus olhos finalmente se abriram para a inutilidade e perversidade do movimento anti-soviético. Apresentou-se perante o tribunal como um patriota russo honesto, mas desorientado, gradualmente desiludido do caráter e dos intuits de seus companheiros.

— Com horror — declarou ele — convenci-me cada vez mais de que eles não pensavam na pátria, no povo, mas unicamente em seus interesses de classe!

Já em 1918, comunicou Savinkov ao tribunal, o embaixador francês Noulens, financiara a sua organização terrorista secreta na Rússia. Noulens ordenara a Savinkov que iniciasse a revolta em Iaroslav no começo de julho de 1918, prometendo apoio efetivo com desembarque de tropas francesas. A revolta fizera-se como fôra planejada, mas o apoio não chegou.

— De onde obtiveste dinheiro nesse tempo e quanto? — perguntou o presidente do tribunal.

— Lembro-me de que na época estava inteiramente desesperado, disse Savinkov, e não sabendo de quem pudesse obter dinheiro, sem que o solicitasse, fui abordado por alguns tchecos que me deram a importância de 200.000 rublos de Kerensky. Esse dinheiro assegurou a nossa organização na ocasião... Eles declararam o seguinte: desejavam que o dinheiro fôsse aplicado em façanhas terroristas. Eles sabiam — não ocultei o fato — que eu reconhecia o terror como

meio de luta, sabiam e deram dinheiro sublinhando que deveria ser empregado principalmente em atividades terroristas.

Anos depois, continuou Savinkov, tornou-se claro para êle como patriota russo que os elementos anti-soviéticos por tôda parte não se interessavam em apoiar o seu movimento pelos objetivos do próprio movimento, mas unicamente com o intuito de obter poços de petróleo russo e outras riquezas minerais. Êles falavam freqüentemente e muito persistentemente — disse Savinkov de seus consultores britânicos — que seu desejo seria estabelecer uma Federação independente de sudeste, abrangendo o norte do Cáucaso e a Transcaucásia. Diziam que essa Federação seria apenas o comêço, e o Azerbajã e a Geórgia ser-lhe-iam anexados posteriormente. Sentia-se em tudo isso o cheiro do petróleo.

Savinkov descreveu os seus encontros com Churchill.

— Churchill mostrou uma vez o mapa da Rússia Meridional, no qual as posições de Denikin e do vosso exército estavam assinaladas com bandeirinhas. Ainda me lembro do choque recebido quando apontando para as bandeirinhas de Denikin, êle disse súbitamente: Este é o meu exército! Não repliquei, mas fiquei como petrificado no lugar. Estava para abandonar o quarto, quando pensei que se fizesse um escândalo ali e fechasse a porta sôbre mim mesmo, nossos soldados na Rússia ficariam sem botas.

— Por que razão supriam-te os franceses e inglêses com essas botas, granadas, metralhadoras e outras coisas mais? — perguntou o presidente do tribunal.

— Oficialmente, tinham êles intuítos nobilíssimos — replicou Savinkov. — Eramos aliados fiéis, vós éreis traidores, etc. . . Por trás do pano era o seguinte: No mínimo, o petróleo, que é algo de muito cobiçado. No máximo: fazer os russos brigar entre si, quanto menos sobreviverem, melhor. A Rússia será cada vez mais fraca.

O depoimento sensacional de Savinkov durou dois dias. Êle relatou tôda a sua carreira de conspirador. Denunciou os conhecidíssimos estadistas e magnatas das finanças na Inglaterra, França e outros países europeus que lhe deram assistência. Disse que se tornara o seu instrumento involuntário. — Eu vivia como se fôsse numa redoma de vidro. Não via coisa alguma a não ser a minha própria conspiração. . . Não conhecia o povo. Amava-o. Estava disposto a entregar

a minha vida por êle. Mas seus interêsses — suas reais aspirações — pôderia eu ter alguma idéia disso?

Em 1923, êle começara a pressentir “a importância mundial” da Revolução Bolchevique. Começou a ter nostalgia e desejou voltar à Rússia “para ver com meus próprios olhos e ouvir com os meus ouvidos.”

— Pensei que talvez tudo quanto eu lia na imprensa estrangeira fôsse mentira — disse Savinkov. — Julgou impossível não terem feito nada pelo povo russo aquêles que ninguém conseguira vencer.

O tribunal soviético condenou Boris Savinkov à morte como traidor de sua pátria, mas por causa da inteireza do seu depoimento a sentença foi comutada para dez anos de prisão (34.)

Logo que chegaram a Paris as notícias da prisão de Savinkov e da bomba ainda maior do sua roturação, Sidney Reilly regressou às prussas para Londres a fim de se entrevistar com os seus superiores. Aos 8 de setembro de 1924, uma alentada e extraordinária declaração de Reilly apareceu no *Morning Post*, órgão do antibolchevismo *tory* britânico. Reilly declarava que o julgamento público de Savinkov em Moscou não fôra jamais realizado. Afirmava categoricamente que Savinkov fôra realmente fuzilado ao cruzar a fronteira soviética, e que o julgamento era uma fraude colossal:

“Savinkov foi morto ao tentar atravessar a fronteira russa, e a Tcheka encenou em Moscou um julgamento simulado, a portas fechadas, com um dos agentes de Savinkov como protagonista.” (35.)

---

(34) Savinkov foi tratado com especial consideração pelas autoridades soviéticas na prisão. Concederam-lhe privilégios especiais, deram-lhe os livros que desejava e facilidade para escrever. Mas êle suspirava pela liberdade. Aos 7 de maio de 1925 êle escreveu um longo apêlo a Felix Dzerzhinsky, chefe da Tcheka: “Fuzile-me ou dê-me oportunidade de trabalhar”, disse Savinkov. “Fui contra vós, agora sou a vosso favor. Não posso aturar a existência mutilada de não ser nem a favor de vós nem contra vós, como simples hóspede de uma prisão.” Suplicou perdão e ofereceu-se para fazer algo que o Soviete exigisse dêle. Sua súplica foi rejeitada. Logo depois Savinkov se suicidou atirando-se de uma janela do 4.º andar da prisão.

(35) Essa era a primeira das muitas extravagantes “explicações” dadas pelos inimigos da União Soviética durante os anos seguintes à

Reilly defendia vigorosamente a firmeza de Savinkov como conspirador anti-soviético:

“Reivindico para mim o privilégio de ter sido um de seus mais íntimos amigos e dedicados companheiros, e cabe-me a sagrada incumbência de vingar a sua honra... Era eu um dos pouquíssimos que conheciam qual a intenção dele ao penetrar na Rússia Soviética... Entrevistava-me diariamente com Savinkov às vésperas de sua partida para a fronteira soviética. Fui dos seus mais íntimos confidentes e seus planos foram elaborados conjuntamente comigo.”

A declaração de Reilly concluía com um apêlo ao editor do *Morning Post*:

“Senhor, apelo para vós, cujo órgão tem sido sempre o campeão confesso do antibolchevismo e anti-comunismo, ajudai-me a reabilitar o nome e a honra de Boris Savinkov!”

Ao mesmo tempo Reilly encaminhou a Winston Churchill uma carta privada cuidadosamente redigida:

“Caro Mr. Churchill

O desastre que vitimou Boris Savinkov indubitavelmente produziu a mais penosa impressão em vós. Nem eu nem nenhum de seus mais íntimos amigos e colaboradores puderam, de há muito, obter notícias fidedignas acêrca de seu fim. Nossa convicção é de que êle tombou vítima da mais vil e audaz intriga que a Tcheka perpetrrou. Nossa opinião vem expressa na carta que eu estou mandando hoje ao *Morning Post*. Conhecedor de vosso invariavelmente gentil interesse, tomo a liberdade de remeter-vos uma cópia da mesma, para vosso govêrno.

Sou, caro Mr. Churchill, muito fielmente, vosso  
Sidney Reilly.”

---

Revolução, com intuito de desacreditar as declarações feitas por conspiradores estrangeiros e traidores russos nas côrtes soviéticas de Justiça. Essas “explicações” atingem o seu clímax durante os chamados Julgamentos de Moscou (1936-38.) Ver livro III.

A indiscutível autenticidade do julgamento foi, todavia, logo estabelecida, e Reilly foi obrigado a enviar outra carta ao *Morning Post*. Esta dizia:

“As informações minuciosas e em muitos casos estenografadas da imprensa sôbre o julgamento de Savinkov, apoiadas pelo testemunho de observadores fidedignos e presenciais, provaram fora de tóda possibilidade de dúvidas a traição de Savinkov. Ele traiu não só os seus amigos, sua organização e sua causa, mas entregou-se deliberada e totalmente aos seus amigos. Mancomunou-se com êles para manejar o golpe mais duro possível ao movimento antibolchevique, armando-os com um trunfo político extraordinário tanto para uso interno como externo. Por seu ato Savinkov arrancou para sempre o seu nome da galeria de honra do movimento anticomunista.

Seus amigos e companheiros de outrora entristecem-se com a sua terrível e inglória defecção, mas aquêles que em circunstância alguma pactuarão com os inimigos da humanidade, continuam impassíveis.

O suicídio moral de seu ex-líder é antes um incentivo a mais para cerrarem suas fileiras e “prosseguirem.”

Vosso, etc.

SIDNEY REILLY.”

Pouco depois Reilly recebeu uma nota discreta de Winston Churchill:

“CHARTWELL MANOIR

Westerham, Kent.

15 de setembro de 1924

Caro Mr. Reilly:

Interessei-me muito pela sua carta. O acontecimento teve rumo diverso que o esperado inicialmente por mim.

Acho que não se devia julgar Savinkov tão ásperamente. Ele foi colocado numa situação terrível, e somente aquêles que já enfrentaram vantajosamente um julgamento dêsses têm direito de censurar. Em qualquer hipótese, esperarei até ao fim da história, para mudar de parecer quanto a Savinkov. Muito cordialmente,

W. S. Churchill.”

A publicação da confissão e testemunho de Savinkov era profundamente embaraçosa para aquêles que na Inglaterra tinham apoiado a sua causa. No meio do escândalo, Reilly despachou-se apressadamente para os Estados Unidos. Churchill retirou-se temporariamente para a sua residência de campo em Kent. O Ministério do Exterior manteve-se em discreto silêncio.

Um epilogo sensacional estava, entretanto, para sobrevir.

Pelo fim de outubro de 1924, poucos dias antes das eleições gerais, manchetes embandeiradas do *Daily Mail* de Lord Rothermere anunciaram abruptamente que a Scotland Yard descobrira uma sinistra conspiração soviética contra a Grã-Bretanha. Como prova documental da conspiração, o *Daily Mail* publicou a conhecida “Carta de Zinoviev” contendo instruções enviadas por Grigori Zinoviev, líder do Comintern Russo, aos comunistas britânicos sôbre o modo de combater os *tories* nas próximas eleições.

Era a resposta *tory* à denúncia de Savinkov; e surtiu efeito. Os *tories* ganharam as eleições com um programa violentamente antibolchevista.

Alguns anos depois, Wyndham Childs da Scotland Yard afirmou que nunca houvera realmente carta alguma escrita por Zinoviev. O documento era forjado e vários agentes estrangeiros foram envolvidos em sua preparação. Ele se originara em Berlim, no gabinete do Coronel Walther Nicolai, ex-chefe do serviço secreto militar imperial germânico, e que atualmente trabalhava intimamente com o partido nazi. Sob a supervisão de Nicolai, um guarda branco báltico chamado Barão Uexkuell, que mais tarde dirigiria um serviço de imprensa nazista, estabelecera na capital germânica um secretariado especial para forjar documentos anti-soviéticos, e con-

seguir que essas invencionices obtivessem a mais larga distribuição possível e a mais eficiente publicidade.

A introdução da carta forjada de Zinoviev no Ministério do Exterior britânico e subsequente no *Daily Mail* diz-se ter sido feita por George Bell, um misterioso agente internacional. Bell figurava na lista dos credores do magnata anglo-holandês de petróleo, Henri Deterding.



## **Comunidade Josef Stálin**

**Em defesa do Marxismo-Leninismo**

<http://www.comunidade Stalin.org>  
[www.comunidade Stalin.blogspot.com](http://www.comunidade Stalin.blogspot.com)

[comunidade Stalin@hotmail.com](mailto:comunidade Stalin@hotmail.com)